

CAÇADA AOS GENES DA PERSONALIDADE

Foram décadas e décadas de obscurantismo, patrocinado pela psicologia e, principalmente, pela psicanálise, com elucubrações esdrúxulas próximas da ficção e absolutamente distanciadas da ciência. Por isso é que Detref Linke, da Universidade de Bonn, Alemanha, fez há algum tempo esta observação: “Nesse campo, as ideias nunca foram muito além as Galeno (médico grego do II século d.C.), para quem a personalidade devia ser produto da relação entre os quatro humores corporais - bile negra, bile amarela, sangue, fleuma.

De repente, mais precisamente na década de 1980, começaram as tentativas sérias de encontrar as bases físicas da personalidade, e nada melhor do que começar com gêmeos. Hoje, Paul Costa, dos Institutos Nacionais de Saúde em Bethesda, Estados Unidos, um dos maiores pesquisadores do assunto, pode dizer sem medo de errar: “Não se trata de mera tese acadêmica, a base genética da personalidade, não só influencia o sucesso que o indivíduo vai ter na vida, ela determina esse sucesso.

Na verdade, as descobertas feitas nos trabalhos com gêmeos surpreenderam até mesmo psicólogos de ponta (neuropsicólogos) e geneticistas. Robert McCrae, colega de Costa, anuncia com firmeza: “Nos adultos, metade da variância observada em pontuações nas escalas que medem a personalidade parece ser hereditária. Alguns estudos mais ousados apontam para 80 por cento de hereditariedade no comportamento”. Nota-se que também o citado Linke é neuropsicólogo, profissional que pesquisa o comportamento humano mais centrado em suas bases físicas, desprivilegiando o “ambiente”.

Uma das razões para esse otimismo é exatamente o fato de, nos últimos anos, psicólogos e biólogos terem chegado à conclusão de que, no fundo, todas as escalas medem mais ou menos as mesmas coisas. “Tem havido convergências de opiniões”, informa Costa, acrescentando que, por causa disso, os biólogos puderam dar início aos estudos da relação entre traços de personalidade e variáveis biológicas reais. Com relação às escalas, o modelo que prevaleceu é o chamado big five, que atribui cinco dimensões à personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura a novas experiências, agradabilidade e conscienciosidade.

Houve duas importantes descobertas em 1996: primeiramente, uma equipe liderada por Klaus-Peter, da Universidade de Würzburg, relatou ter identificado um gene que, ao que tudo indicava, estava relacionado com o neuroticismo; ao mesmo tempo, um grupo de pesquisa israelense anunciou ter descoberto outro gene, ligado à extroversão. O “gene de Lesch”, como ficou conhecido o primeiro, codifica receptores denominados 5-HTs, cuja função é bombear serotonina (neurotransmissor que regula o estado de humos) para fora das sinapses e de volta para o interior do neurônio.

Lesch e sua equipe descobriram que esse gene existe em duas versões (alelos), uma delas com uma seção extra de 44 pares de base. Esses alelos foram classificados como “longo” e “curto”. Estudos sobre classificação de personalidades, envolvendo 505 pessoas, revelaram de forma consistente que o

gene em sua versão curta está em 68 por cento de todos nós e que as pessoas que ele alcançam pontuação na escala de neuroticismo.

No segundo estudo, o grupo liderado por Richard Ebstein, do Herzog Memorial Hospital, de Jerusalém, encontrou forte relação entre a extroversão e o gene codificador do receptor de dopamina (neurotransmissor relacionado com o prazer, a motivação e o movimento) DRD4, presente na membrana do neurônio. Ebstein verificou que os portadores da versão longa pontuam muito melhor na escala que estabelece o desejo de “busca de novidades”.

Aliás, outro grupo de estudos norte-americano nomeou de personalidades T pessoas que, por terem mais receptores de dopamina, fogem do comum, procurando sensações mais intensas. Esses tipos vão desde os amantes de esportes radicais a artistas e pensadores revolucionários, passando pelos conquistadores.

De acordo com Robert Moyzis e sua equipe, da Universidade da Califórnia em Irvine, a forma longa do gene DRD4, associado á busca de novidades, pode ter surgido há cerca de 40 mil anos, disseminando-se com rapidez pela população humana. Por essa época, houve grandes avanços tecnológicos, inclusive na agricultura.

E as evidências se amontoam, vindas de todos os cantos do planeta. Na Universidade do Estado de Nova York em Stony Brook, escaneia cérebros de voluntários enquanto lhes mostra fotos de pessoas com expressões felizes ou o contrário. Descobriu que o cérebro dos extrovertidos reagem de forma mais ativa ás expressões de felicidade. Por outro lado, Jürgen Henning, da Universidade de Giessen na Alemanha, relatou em 2003 que pessoas que com altas pontuações no capítulo neuroticismo revelam atividade mais intensa no hipocampo ao serem confrontadas com imagens desagradáveis ou assustadoras.

Jonathan Flint, do Wellcome Trust Centre for Human Genetics da Universidade de Oxford, na Inglaterra, outro importante estudioso do assunto, acha que já está na hora de começar a mapear os genes envolvidos com a personalidade e seus entroncamentos e elos, ao invés do seu simples mapeamento.

Prof. Dr. Antonio de Souza Andrade Filho

Prof. Dr. William Duningham

Editores-Chefes

Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria